

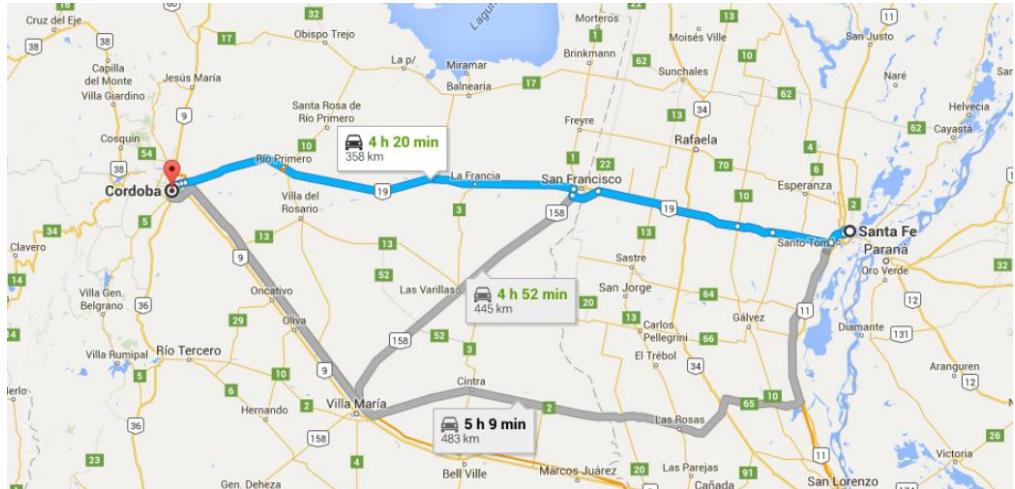


EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

5. CÓRDOBA. ENTRE OS JESUÍTAS E OS ITALIANOS

A Serra Central que ladeia a cidade de Córdoba, a oeste, conforma um cenário agradável para a cidade que não se encontra em altitudes elevadas, mas se beneficia, em seus arredores, das amenidades propiciadas por essa elevação que ultrapassa em alguns pontos os dois mil metros de altitude.

Ao longo do percurso entre Santa Fé e Córdoba (e lá se foram mais 350 e poucos km), realizado em 4 de janeiro de 2015, convivemos com a planura ocupada pela agricultura do tipo “moderna”, associada à presença de empresas que indicam a organização econômica deste território associada ao agronegócio. Ao mesmo tempo em que é bonito ver um plantio tão verdinho e perfeito, é cansativa a visão de uma paisagem tão homogênea, cortada de vez em quando por silos ou agroindústrias. Parece que não há ninguém vivendo nestes campos.



Aqui ou ali, entretanto, as extensões de soja são interceptadas por áreas de pastagens. Observa-se, nas suas proximidades, que Córdoba deve ter algum papel industrial, mas não pareceu que seja uma grande cidade industrial. Ficou, para mim, a dúvida relativamente ao que justifica esta concentração de três milhões de habitantes. Do que vivem? O que fazem? Por que tanta gente na mesmo espaço urbano? Ficaram as questões.

Córdoba é a segunda maior cidade da Argentina. Como já conhecíamos Assunção e Santa Fé, agora começamos a passar por trechos 'novos' e a alcançar cidades onde nunca estivemos, o que é tão estimulante quanto rever os lugares conhecidos mas é uma experiência diferente.

Como tem três milhões de habitantes, suas feições metropolitanas são claras, desde que se chega pelo leste, como foi o nosso caso. Na entrada da cidade, os primeiros conjuntos habitacionais ocupando grandes áreas 'urbanizadas' já denotam o grau de complexidade de sua estrutura espacial. Não sei dizer se estes bairros resultam de programas habitacionais estatais ou são particulares, mas deu para observar que, embora tão pequenas quanto, as casas parecem ser um pouco melhores do que as construídas no Brasil.



À medida que adentrávamos mais na cidade, o trânsito ficando intenso e desorganizado, até chegarmos ao centro comercial, onde estava localizado nosso hotel; aí sentimos, efetivamente, o jeitão de uma grande urbe.

Aliás, este aspecto atinente ao trânsito vem chamando nossa atenção desde o Paraguai: os motoristas não respeitam o princípio internacional de manter-se à direita para favorecer a ultrapassagem pela esquerda; há carros que circulam nas rodovias a 40 km por hora e outros a 140 km; por qualquer razão se buzina, ocasionando que estejamos sempre perguntado por que ocorreu a buzina etc. Se, no Paraguai, havíamos visto o predomínio de carros novíssimos e caros, convivendo com motocicletas e ônibus velhos, aqui, na Argentina, desde Santa Fé, é muito notório o número de carros antigos que circulam mesclando-se com os modernos. Há alguns dos quais não me lembra mais e que eu via pela cidade de São Paulo, na década de 1960, quando eu era criança. Há alguns que estão mesmo 'caindo aos pedaços', mas continuam a carregar famílias e a apoiar pequenos negócios de venda de tudo, como se vê ao longo das rodovias e nas esquinas das cidades.



Eu sei muito bem que um turista nunca chega a compreender efetivamente uma cidade, por várias razões. Orham Pamuk, que escreveu o maravilhoso livro 'Istambul', lembra que "...o que dá a uma cidade o seu caráter especial não é a sua topografia e nem seus edifícios, mas antes o somatório de todos os encontros casuais, de todas as memórias, de todas as letras, de todas as cores e imagens que coalham a memória superpovoada de seus habitantes..."

Como eu concordo com a opinião dele, sei que não há boas chances para o turista opinar com alguma qualidade. Ele é, por excelência, um desconhecido e um desconhecedor o que lhe impede de fazer parte deste somatório sobre o que é cada cidade, já que ele perambula por ela, apenas, por alguns dias. Entretanto, ele pode, se quiser, como observador, inquirir.

Eu me questionei se Córdoba é mais jesuítica ou italiana e cheguei a uma conclusão muito simplória, mas que me dou o direito de externar – no território que se estende nas imediações desta cidade, posso dizer que a presença jesuítica no passado é a chave da explicação, como vou tentar mostrar com algumas informações sobre as cidades de seu entorno no próximo capítulo deste diário de viagem. Mas, quando noto o modo extrovertido e comunicativo dos moradores da metrópole, posso dizer que os italianos, como o fizeram em Nova York ou São Paulo, deixaram suas marcas por essas paragens.

A cidade tem um ar extrovertido, muito diverso daquele que apreendemos em Buenos Aires. Os cordobeses são muito simpáticos para dar opiniões e falam o tempo todo. Imaginem que íamos por uma rua do centro e uma senhora nos interpelou: "Permissô?", Achei imediatamente que ela iria pedir uma informação ou..., mas queria apenas dizer que achou que eu estava muito elegante de vestido e chapéu! Não é em qualquer lugar que as pessoas se propõem a conversar com quem não conhece e acho que a gente encontra isso na Itália.

Mas não foram só os italianos e os jesuítas que fizeram esta cidade que vejo hoje. Os espanhóis, primeiros europeus a pisar nestas terras, os alemães que chegaram muito mais tarde, tanto quanto os indígenas, oriundos das etnias originalmente posseiras do território, compõem o caldo social e cultural que ajuda a explicar a Província de Córdoba.

Os espanhóis chegaram, nesta região, no século XVI e foram responsáveis por dizimar e/ou afastar espacialmente e/ou “escravizar” quéchuas, ayamarás, comechigones e sanavirones, cujas histórias não se apagaram completamente, porque se vê, nos rostos dos que andam pelo centro de Córdoba, que proporção significativa dos mais pobres descendem de etnias indígenas. Assim, esta é outra diferença grande em relação à maior cidade do país – Buenos Aires – pois se lá vemos a predominância clara das feições europeias, aqui em Córdoba, isso é bem diferente.

Os jesuítas, que chegaram no mesmo século, para fazer o mesmo serviço em relação aos autóctones, talvez de um modo menos violento, vieram para propiciar as ‘condições espirituais e materiais’ necessárias ao escoamento da prata e do outro extraídos no Alto Perú, hoje Bolívia, e exportados pela Bacia do Prata, tendo Buenos Aires no comando destes negócios.

Quando se olha para um território mais amplo, é mais fácil se compreender porque a capital do país atingiu um status metropolitano muito antes de São Paulo, para fazer a comparação entre as duas mais importantes áreas urbanas da América do Sul. Buenos Aires comandava não apenas a exploração econômica do que hoje é o território argentino (como foi o caso da região de Cuyo, onde se situa Mendoza, atualmente a mais importante produtora de vinhos do país),, mas sua polarização atingiu o que, atualmente, pertence à Bolívia, o que corresponde ao sul do Peru e terras do Chile.

Como o território sob comando cordobês está entre as planícies dos grandes rios, a leste, e as encontroas elevadas da Serra Central, a oeste, os metais preciosos tinham que ser transportados por jegues e cavalos e isso demandava a existência de pontos de apoio e abastecimento ao longo do caminho.

Assim, um corredor de cidades prosperou, entre as quais se destacam, do norte para o sul: Jujuy, Salta, San Miguel de Tucumán, Santiago del Estero e Córdoba, que tiveram em suas origens as mãos desta ordem religiosa, por meio da fundação de estâncias rurais que exerciam justamente os papéis de produção alimentar e criação de animais para o transporte, ao mesmo tempo em que eram ambientes para a submissão de indígenas ao trabalho e algum tipo de escravidão. Esses religiosos estiveram na Argentina entre 1559 e 1767, quando foram expulsos por ordem do rei espanhol Carlos III. Córdoba foi fundada em 1573 e foi o centro de comando da ação jesuítica neste território. Prosperou mais que as outras cidades ao norte, inclusive por sua situação geográfica privilegiada, a meio caminho entre Buenos Aires e o noreste andino.

A cidade guarda os testemunhos da ‘colonização’ por meio do importante patrimônico arquitetônico e cultural que se concentra. no que é denominado ‘Quarteirão Jesuítico’, com suas belas construções, como a *Iglesia de la Compañía*, de 1640, e el *Rectorado da Universidad Nacional de Córdoba*, fundada por eles e que já completou 400 anos, em 2013. Andar por esta área é muito prazeroso porque a manutenção das características originais do piso e e bom estado das edificações se misturam ao uso cotidiano que os cordobeses fazem do que é, hoje, parte do centro da cidade.



Esse longo tempo pode ser visto no desgaste desigual dos granitos e mármores que compõem o mosaico do piso de entrada do prédio principal, cuja pequena amostra está no *caput* deste capítulo da Expedição ao Cone Sul. Percebemos, aí, como as universidades brasileiras são, ainda, muito jovens.

O prédio do reitorado resguarda os traços principais das edificações do tipo espanhola, que receberam influência árabe, desde o período que eles ocuparam o que hoje se denomina Andaluzia, onde estão Sevilha, Córdoba e Granada na Espanha. Tem o típico pátio interno, todo cercado de varandas para as quais dão as salas da edificação, as quais acabam funcionando como espaço de circulação, convivência e interação com o jardim interno.



Como se vê nas fotos seguintes, a igreja foi edificada justaposta à universidade e esta ao espaço público. Até hoje suas portas estão abertas, é possível se aceder ao pátio

sem que qualquer pessoa te interpele e do pátio interno se vê a rua e seus transeuntes. Fico preocupada com as universidades brasileiras, tão jovens, com patrimônio arquitetônico, no geral, sem grande importância, porque isso não é valorizado pelos nossos gestores, e totalmente controladas por sistemas de segurança, catracas e identificações de todo tipo.

Eu sei que fazer comparações, assim, sem ter o cuidado de mostrar as distinções não é muito adequado, mas pode servir para buscarmos com maior cuidado quais as razões que nos levam a este excessivo fechamento dos nossos espaços acadêmicos.



Nas varandas do pátio interno do reitorado, vimos várias placas com inscrições que registram acontecimentos importantes na história da universidade, como a que a *Unión Cívica Radical de Córdoba* marca os 80 anos da reforma universitária ocorrida em 1918, ou a que faz referência à importância desta obra para o patrimônio da Província de Córdoba.

Relacionei a placa da Unión Cívica ao espírito contestador que se associa à presença italiana na cidade (foi que li na descrição do guia turístico da Visual Folha de São Paulo).

No período de grande imigração dos italianos, final do século XIX e começo do XX, eles vieram não apenas da área rural daquele país, mas também das cidades, muitos deles já com experiência industrial e com participação sindical. Não é a toa que, no Brasil, por exemplo, eles tiveram papel importante nos movimentos anarquistas.



Há informações que, durante a Ditadura na Argentina, a oposição mais forte ao governo sempre esteve em Córdoba. Vimos no prédio onde funcionava a instituição responsável pela repressão política em que está, agora, o *Archivo Provincial de la Memoria*, o tom contestatório da placa que está no chão, na entrada do prédio, em que chama o Estado de terrorista. É muito bonita a obra de arte (na parede externa do edifício) que faz homenagem aos que foram perseguidos, contendo o nome de todos com os anos em que desapareceram, compondo uma grande impressão digital.



O quarteirão jesuítico faz esquina com a Plaza San Martín, que é a principal da cidade. Cruzamo-la várias vezes e impressionou o movimento que ela tem em qualquer horário do dia. Há gente sentada nos bancos, vendendo a vida acontecer, há vendedores de meias, brinquedos e alimentos, há turistas fotografando a grande igreja e o prédio *El Cabildo*, edificação do século XVIII, que substituiu a anterior, nesta

mesma localização que fora erguida no século XVII.

O destaque maior é esta grande igreja, a Catedral de Córdoba, que fica defronte à mesma praça. Ela é indicada como a mais antiga da Argentina. A foto que fizemos não ficou à altura da portentosa construção, mas segue abaixo junto a um registro de seu interior. Logo a seguir, reproduzo uma foto melhor elaborada extraída do site <http://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/00/13/8b/a5/san-martin-plaza.jpg>



Ela foi construída em 1782 e contém traços do barroco e elementos neoclássicos. Internamente, tem detalhes em rococó e a presença do folheado a ouro mostrando a riqueza que a coroa espanhola extraiu de suas colônias na América. As pinturas internas foram feitas por artistas de origem indígena.

O pátio interno de *El Cabildo*, a sede do governo no período colonial, é singelo e o micro clima que se desfruta é um prazer numa tarde de verão.



Com as fotos da principal rua de pedestres do centro de Córdoba, termino o registro da experiência vivida nesta cidade, com as imagens de sua gente que circula pelas ruas.



Carminha Beltrão

Janeiro de 2016